

P

PATRIMÓNIO CULTURAL DAS **FUNDAÇÕES PORTUGUESAS**

R

O

J

E

T

O

1

7

P			
R			
O	J	E	
		T	O
		1	7

Geografias, Património Cultural das Fundações Portuguesas

Catálogo editado pelo CPF

Centro Português de Fundações por ocasião
da apresentação do Projeto 17,
no dia 29 de Junho de 2022

Cooperarte – juntas, as fundações abrem as suas portas

A arte é uma das linguagens mais privilegiadas, pela universalidade que todos lhe reconhecemos.

Este catálogo digital, fruto de cooperação entre várias fundações associadas do Centro Português de Fundações, é bem revelador da energia que a arte pode transmitir, do impulso motivador de que, tantas vezes, se reveste.

Cada um de nós olhará para os bens culturais aqui expostos (e no seu lugar habitual, nas fundações que os disponibilizaram) de modo diferente, nesse olhar carregando a associação ao seu mundo, aos sentidos, às memórias, a outras obras. Mas na dispersão desses olhares haverá sempre uma identidade que se partilha e reforça: a pertença a uma entidade que é maior e que se estende além de cada bem cultural apresentado e do seu lugar. Chama-se cooperação. Ou propósito colaborativo. O que quisermos, para definir aquilo que mobilizou estas fundações – e desejamos que convoque outras, ainda – para uma ação comum.

Este Projeto 17 – Geografias, Património das Fundações Portuguesas, associado aos ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, é uma prova de que é possível ligar a arte e a vida, missões diferentes em espaços fisicamente distantes.

É mais uma ligação das fundações à sociedade, que, deste modo, poderá ter uma melhor perceção do valor do setor fundacional e do seu impacto social, um dos desígnios que tem orientado a atividade do Centro Português de Fundações.

Agradecendo às Fundações aqui representadas e à mentora do projeto, Dra. Patrícia Dias Mendes, cremos que esta exposição comum vai crescer. Afinal, cooperar também é uma arte.

Maria do Céu Ramos

Presidente do Centro Português de Fundações

Projeto 17 – Geografias, Património Cultural das Fundações Portuguesas

Corria o ano de 2019, ainda em momento prévio ao flagelo da pandemia SARS Covid-19, quando me deparei com um louvável nível de entusiasmo face a uma proposta que apresentei e que visava congregar patrimónios culturais das fundações nacionais. O Projeto 17 teve a sua génese nas muitas e empolgantes conversas desenvolvidas no Grupo de Trabalho de Cultura organizado pelo Centro Português de Fundações, no qual tive o privilégio de então participar.

As reflexões sobre o Projeto 17 acontecem cerca de quatro anos após um marco ilustrativo da coesão fundacional em prol de temas culturais. Em 2015 foi organizada uma conferência sobre o fenómeno do colecionismo empresarial (*corporate art collections*), na qual foi possível reunir seis fundações, a Fundação EDP, a Fundação Millennium BCP, a Fundação Arpad-Szenes Vieira da Silva, a Fundação Caixa Geral de Depósitos, a Fundação PLMJ e a Fundação Oriente. Dois anos mais tarde, em 2017, acontecia aquilo que inicialmente me pareceu um tanto

ou quanto utópico, quando lancei o desafio às mencionadas fundações, uma exposição coletiva denominada *O Olhar da Sibila*, apresentada no Museu Oriente. Recordo-me das muitas vicissitudes desta exposição, mas o meu pensamento retém-se muito mais naquele que foi o dia da inauguração desta exposição coletiva – tinha sido possível! Que sublime mostra destes seis acervos culturais e que orgulho senti das fundações portuguesas, de alguma forma, todas representadas neste instante eternizado.

Quando escrevo estas palavras, sinto-me verdadeiramente privilegiada por novamente poder testemunhar mais uma parceria filantrópica cultural das fundações nacionais, que emergiu no Centro Português de Fundações – **o Projeto 17 – Geografias, Património Cultural das Fundações Portuguesas**, a apresentar no dia 29 de junho. De novo, podemos congratular-nos com a realização de exposição coletiva composta por diversos bens culturais que integram os acervos das primeiras

fundações aderentes ao Projeto 17, com a particularidade de existirem espaços expositivos individualmente escolhidos por cada fundação, distribuídos por todo o território nacional. A ambição é harmonizar e apresentar as coleções das Fundações culturais numa exposição representativa de diversificados bens culturais na sua aceção mais ampla, como testemunho de cultura e civilização.

Por outro lado, é um projeto evolutivo, no sentido de que as fundações que ainda possam não ter aderido ao Projeto 17 estarão sempre legitimadas a fazê-lo até final de 2022. A essência e o desiderato é estabelecer nexos de causalidade entre os acervos culturais das fundações e o(s) ODS que entendam ser pertinentes. Os bens culturais das fundações, livremente interligados para defender e suscitar o conhecimento dos ODS da Agenda 2030.

O arranque conta com as seguintes fundações: Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Fundação Casas de Fronteira e Alorna, Fundação EDP, FLAD – Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Fundação Marques da Silva, Fundação Millennium BCP, Fundação Oriente, Fundação PLMJ e Fundação Portuguesa das Comunicações.

Espera-se uma continuidade motivada e perene deste Projeto 17, que encerra em

si uma marca muito importante, o sinal distintivo da coesão e parcerias que as fundações nacionais podem construir entre si, com resultados muito relevantes para diversos públicos.

Sinto-me abençoada pela participação no Projeto 17, estou imensamente grata ao Centro Português de Fundações na pessoa da sua Presidente, a Sra. Dra. Maria do Céu Ramos, bem como a magnífica equipa que comigo colaborou. E, claro, o meu agradecimento muito reconhecido a todas as fundações portuguesas, sem as quais nada disto poderia ter acontecido e continuar a acontecer!

Lisboa, 24 de junho de 2022

Patrícia Dias Mendes

FUNDAÇÃO ARPAD SZENES-VIEIRA DA SILVA

Atendendo a todas as premissas enunciadas aquando do convite da nossa instituição, tendo em mente os objetivos expressos tanto na carta convite como estrutura que define o presente Projeto 17, e indo ao encontro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável inscritos na Agenda 2030, a FASVS gostaria de propor a seguinte obra de arte da autoria da artista portuguesa Maria Helena Vieira da Silva.

Le Metro, 1940

Guache sobre cartão

47x97,5cm

Coleção Metropolitano de Lisboa, em depósito na Fundação Arpad Szenes
– Vieira da Silva



Esta escolha relaciona-se com três ODS, que assinalamos e fundamentamos infra: _____

Até 2030, proporcionar o **acesso a sistemas de transporte seguros**, acessíveis, sustentáveis e a preço acessível para todos, **melhorando a segurança rodoviária através da expansão da rede de transportes públicos**, com especial atenção para as necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres, crianças, pessoas com deficiência e idosos.



TORNAR AS CIDADES E COMUNIDADES INCLUSIVAS, SEGURAS, RESILIENTES E SUSTENTÁVEIS

Le Métro

A composição artística evoca o interior de uma estação de metropolitano, com várias figuras humanas dispostas numa malha ortogonal orientada por pequenos quadrados. Nesta trama estão também inscritos objetos, animais, letras e palavras.

O Metropolitano é o meio de transporte que pelas suas características – rapidez, segurança, eficiência energética e custo acessível – se revela adequado a todos os aglomerados populacionais, em particular em grandes metrópoles.

- Fortalecer o esforço para **proteger e salvaguardar o património cultural** e natural do mundo.

O Metropolitano de Lisboa tem promovido os artistas portugueses com convites para decorar as estações de Metro. É o caso de Maria Helena Vieira da Silva, artista convidada para realizar os painéis de azulejo da Cidade Universitária,

inspirada na obra original de 1940, Le Métro.

• Reduzir significativamente todas as **formas de violência e as taxas de mortalidade com ela relacionadas, em todos os lugares.**

• **Acabar com o abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra as crianças.**

Le Métro

A obra de Vieira da Silva foi criada num contexto de conflito, durante a Segunda Grande Guerra, onde estes equipamentos serviam de abrigo aos habitantes das cidades bombardeadas. Muitas vidas foram salvas graças a estas estruturas.

• **Promover o Estado de Direito**, ao nível nacional internacional, e garantir a igualdade de acesso à justiça para todos.

• Tratando-se de uma obra de arte, cuja propriedade é da empresa pública Metropolitano de Lisboa, que gentilmente e em regime de comodato e está presentemente em exposição na galeria da coleção permanente da FASVS, sendo testemunho de como as parcerias podem ser uma mais-valia na nossa realidade contemporânea, promovendo, deste modo, o Conhecimento e a importância da Cultura, em geral, e as Artes, em particular, numa Sociedade informada, educada e consciente do Mundo que habita.



PROMOVER SOCIEDADES PACÍFICAS E INCLUSIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. PROPORCIONAR O ACESSO À JUSTIÇA PARA TODOS E CONSTRUIR INSTITUIÇÕES EFICAZES, RESPONSÁVEIS E INCLUSIVAS A TODOS OS NÍVEIS



REFORÇAR OS MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO E REVITALIZAR A PARCERIA GLOBAL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



FUNDAÇÃO CASAS DE FRONTEIRA E ALORNA

SALA DAS BATALHAS

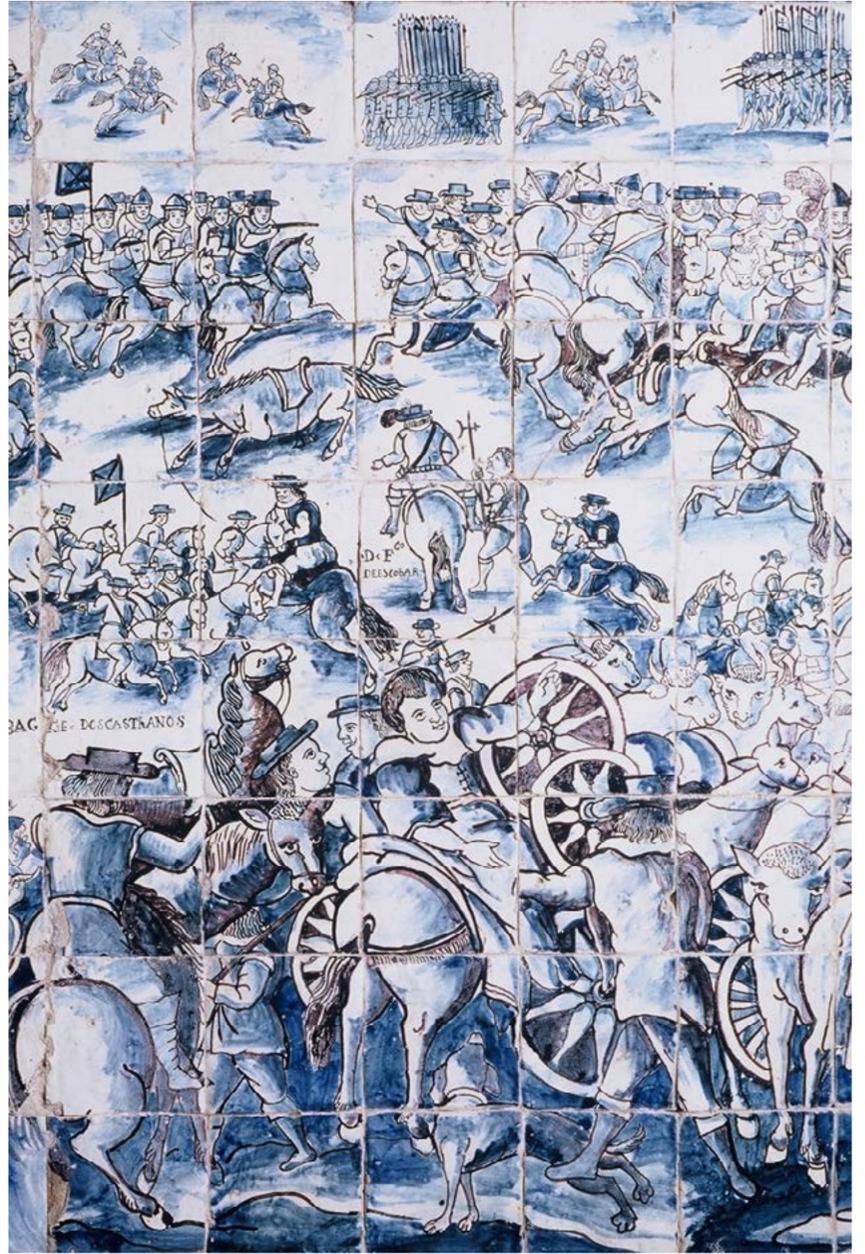
A sala das batalhas é a mais nobre e imponente das salas do palácio. Tem três janelas, lançadas sobre o jardim de Vénus, e sete portas. Foi assim designada porquanto o seu lambris de azulejo, da primitiva, representar as principais vitórias das tropas portuguesas durante a guerra da Restauração. São oito os quadros representativos, que, segundo a ordem das datas, são dedicados respectivamente à: Batalha de Montijo - 26 de Maio de 1644 Combate de Arronches - 8 de Novembro de 1653 Batalha de S. Miguel - 22 de Julho de 1658 Batalha das linhas de Elvas - 14 de Janeiro de 1659 Batalha de Ameixial - 8 de Julho 1663 Batalha de Castelo Rodrigo - 7 de Julho 1664 Batalha de Montes Claros - 17 de Julho de 1665 Recontro de Chaves - 20 de Novembro de 1667.

Estes painéis, sem dúvida fabricados em Portugal, cujo desenho se inspira nas relações de batalhas que circularam na época, apresentam pormenores interessantíssimos, e incluem, em cada painel de azulejos, uma pequena descrição de cada batalha, assim como os nomes dos chefes militares que mais se distinguiram nesses combates.

Segundo Cassiano Neves, as figuras são dum movimento extraordinário, dando a ilusão das distâncias, «os portugueses atacando ou aguardando, em ordem de batalha, as vozes de comando; os espanhóis fugindo desordenadamente, um ou

outro em críticas e ridículas posições...». Vêm-se descrições das praças de guerra: Elvas, Badajoz, Vila Viçosa, Estremoz, etc., bem como legendas identificando alguns combatentes de maior relevo, como: o Conde da Torre (que viria a ser o 1.º Marquês de Fronteira), o Marquês de Távora, D. Pedro de Almeida, o Conde de Amarante, o Duque de Cadaval, o Conde de Mesquitela, o Conde de Vila Flor, o Conde de Cantanhede, o Barão de Alvito, D. João da Silva, o Sargento-Mor D. Filipe Roxo, André de Albuquerque, etc. São também identificados alguns chefes militares das forças inimigas: D. João de Áustria, D. Luis Mendes de Haro, o Duque de S. Germain, o Duque de Luna, o Duque de Ossuna, D. Gaspar de Lacueva, Marquês de Caracena, D. Vitor Tarragona, etc. Luís Teixeira de Sampaio faz-lhes a seguinte referência: «valor histórico, sem par, dos azulejos da casa de jantar de Benfica». Estes painéis de azulejo devem ser considerados únicos como cerâmica e como história. José Queirós descreve-os da seguinte maneira: «Alisar, 1.66m de altura, a azul e cor de vinho. Dentro de uma simples cercadura ornamental, diversas batalhas da Restauração, nalgumas das quais entrou e se bateu o Conde da Torre. Os assuntos guerreiros não constituem composições isoladas, pois são dispersamente pintados em grupos de peões e cavaleiros, e, em diversos pontos, fortalezas e castelos... Nalguns pontos, inscrições narrando as batalhas decisivas; noutros, as designações das localidades onde se deram os combates mais importantes e os nomes dos cavaleiros que os comandaram». Esta Sala, que já serviu de Sala de Jantar e de Salão de Baile e hoje é uma sala multifuncional destinada à realização de eventos culturais, tem 11.5 m de comprimento, por 9 m de largo 7.12 m e sete metros de pé direito. A decoração das paredes e os estuques que ornamentam o tecto (representando alegorias da paz, da guerra e do triunfo) datam do século XVIII.

É, assim, com este património cultural que a Fundação Casas de Fronteira e Alorna se associa ao Projeto 17 promovido pelo Centro Português de Fundações, pretendendo, em dada medida, ir ao encontro do ODS 4 da Agenda 2030 - Educação de Qualidade.





FUNDAÇÃO EDP

Os temas da preservação do planeta, do desenvolvimento sustentável e da consciência ecológica estão hoje presentes e activos na arte contemporânea e, por isso, também na Colecção de Arte da Fundação EDP.

Como acontece desde os tempos em que tudo começou na arte, muitas obras dão a ver, com os meios que lhes são próprios e com uma intensidade desusada e aguda, aquilo que, não raro, se encontra oculto, difuso, esquecido ou adiado. Uma colecção de arte é, em si e por si, uma afirmação de sustentabilidade. Preserva, transmite, enaltece e projecta uma herança, uma memória e um património, fazendo um convite permanente à criação renovada, ao mesmo tempo que concede uma consciência de continuidade e responsabilidade perante ela.

As obras da Colecção de Arte da Fundação EDP que se mostram no MAAT, no edifício da Central Tejo, participando no Projecto 17 do Centro Português de Fundações, contêm, na sua diversidade, esta mensagem fundamental.

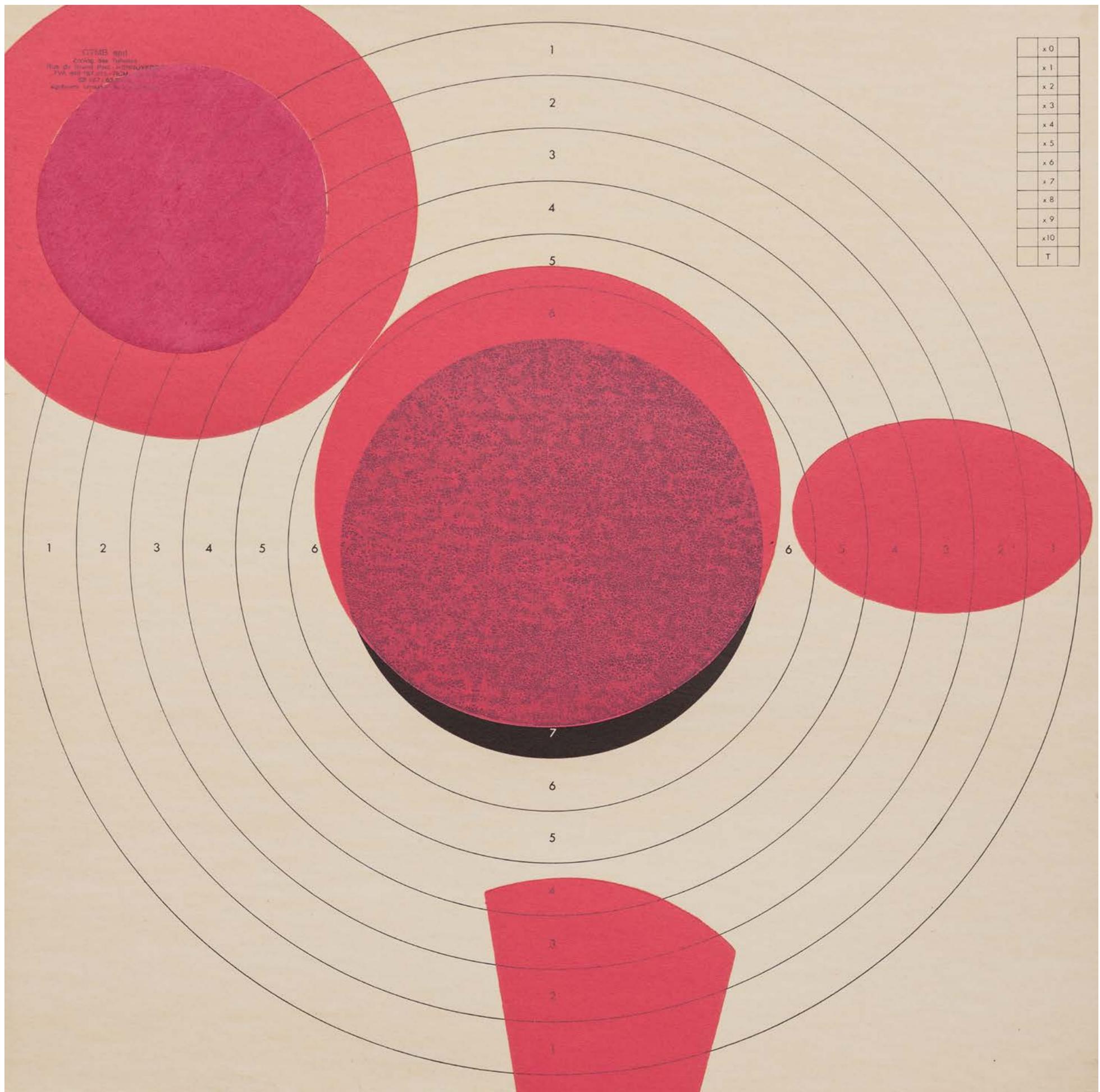
Esta exposição apresenta obras recentemente adquiridas, de diferentes tempos, origens e sentidos, que nos ajudam a desenhar novos mapas, com caminhos que se bifurcam e distanciam, mas que, percorrendo-se em todos os sentidos, podem convergir.

A obra de João Vieira (*Viúva Negra*, 1981) testemunha, do ponto de vista técnico, o uso corrente de matérias artificiais (poliuretano expandido); revela, em termos de linguagem e pela solução de multiplicação da mesma forma a assunção da repetição serial e mostra o tempo de um erotismo libertário no Portugal pós-ditatorial.

Já a multiplicação das imagens na obra de Ana Jotta (uma série de variações do mesmo motivo-base, *Ricochete#2* e *Ricochete #6*, de 2017), funciona de modo bem diverso. Jotta boicota a ideia de centralidade, sugerida pelo tema visual do “alvo” de tiro, ao sobrepor planos que ocultam as escalas de medição dos resultados assim transformando a segura da imagem original numa intensa experiência visual que nega toda a possibilidade de estabilidade no acto de ver.

A fotografia *Body Corner* de Luisa Cunha apresenta-se como avesso do *Homem vitruviano*, de Leonardo da Vinci, e como avesso do *Modulor*, de Le Corbusier: uma mulher de costas abre os braços paralelamente ao chão parecendo medir o espaço onde o seu corpo se insere. As duas outras fotos (*Gone With the Sea #1* e *#2*, 2019) de sua autoria são exercícios de cor-forma; fragmentos de plásticos coloridos trazidos pelas águas do mar são ampliados. Os perigos ecológicos surgem disfarçados pela alacridade das cores.

As pinturas de João Gabriel (*Drip Drop*, 2021 e *Sem título*, 2021) e Tiago Baptista (*Sem título*, 2022) apresentam-se, face às obras de Vieira, de Jotta e Cunha, como elementos estranhos, onde o domínio da conceptualização na criação das obras parece ter dado lugar a estratégias livres, narrativas ou descritivas em Gabriel e intensamente poéticas em Baptista. As obras apresentadas convidam aqueles que as vêm a descobrir, em cada uma delas, o que não precisa de obedecer a programas doutrinários ou de repetir lugares comuns, para afirmar, na sua força livre e insubstituível, a sustentabilidade criadora que faz da arte uma duração que alcança o futuro.



x 0
x 1
x 2
x 3
x 4
x 5
x 6
x 7
x 8
x 9
x 10
T

Ana Jotta
 Lisboa, 1946
Ricochete #6, 2017
 Xilogravura, *chine-collé*, tinta Charbonnel e colagem sobre alvo de papel /
 Woodcut, *chine-collé*,
 Charbonnel paint and collage on paper target
 54 x 54 cm



Luisa Cunha
(Lisboa, 1949)
Gone With The Sea #1, 2019
Impressão sobre Ilford Gold Fiber Silk 325 gr/m 2 / Print on Ilford Gold Fiber
Silk 325 gsm



Tiago Baptista
(Leiria, 1986)
Drip Drop, 2021
Óleo sobre tela / Oil on canvas
149 × 49 cm

FLAD – FUNDAÇÃO LUSO –AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento é uma instituição portuguesa criada em 1985, financeiramente autónoma e privada, cuja missão é contribuir para o desenvolvimento de Portugal através da relação com os Estados Unidos da América.

Sentimos a necessidade de continuar uma memória coletiva que una todos os Portugueses presentes no mundo, e sabemos que, tanto a cultura como a arte, são ferramentas intrínsecas na construção e conservação de qualquer identidade, indispensável à conexão dos portugueses e das comunidades luso-descendentes.

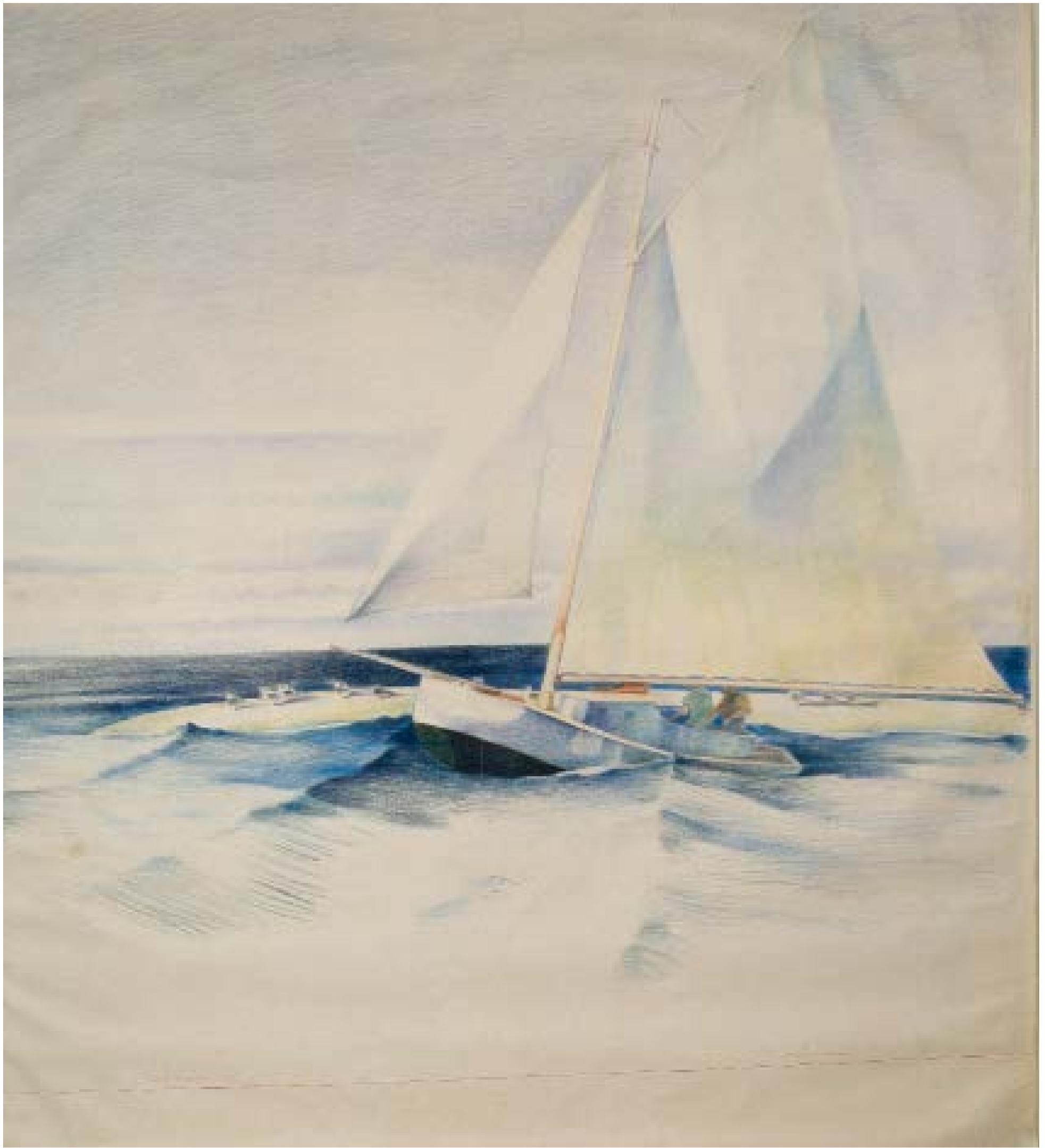
Neste sentido, a FLAD, tem um lugar histórico inquestionável no que toca à valorização e divulgação da cultura e arte portuguesa, tanto em território nacional, como, no espaço cultural internacional, nomeadamente nos Estados Unidos da América.

A coleção de arte contemporânea da FLAD, que conta com mais de 1000 obras de arte de artistas maioritariamente portugueses, consiste numa coleção singular, que reúne, desde 1986, um conjunto de trabalhos representativos da produção contemporânea portuguesa dos anos 80, 90 e início do século XXI.

Para este projeto, selecionámos dois desenhos da autoria de Ana Jotta que integram a nossa coleção. Estas obras representam, para a FLAD, os seguintes ODS:

- ODS 13 “Ação Climática” – Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos.
- ODS 14 “Proteger a Vida Marinha” – Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

A escolha destas obras reflete também o empenho da FLAD em torno do Oceano Atlântico. O Atlântico é um elo de ligação entre o Portugal Continental, os Açores e a Madeira, e os EUA, e também um laboratório natural de excelência que importa conhecer. Por isso, reconhecendo a sua relevância científica e geoestratégica, a FLAD tem dedicado diversos prémios e bolsas ao estudo do Atlântico, tendo em vista o Desenvolvimento Sustentável.



Ana Jotta
Marinha (a partir de Edward Hopper), 1981
Desenho
221 x 198 cm



Ana Jotta
Marinha (a partir de Edward Hopper), 1981
Desenho
224 x 198 cm

FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA

CONTRAFACITUM: matéria, forma, conteúdo

A pretexto da observação de uma maqueta pertencente ao acervo da Fundação Marques da Silva e do jogo dinâmico que esta pode estabelecer com o seu lugar de pertença, há um espaço do Palacete Lopes Martins que se vai transformar num palco de mediações encenadas. Falamos da maquete “Aquila”, de 1935, realizada no contexto do Plano de Urbanização das Termas do Gerês, cuja autoria pertence a José Porto (Engenheiros Reunidos). Anos mais tarde, terá sido enviada ao casal David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva, a propósito da elaboração do Anteprojecto de Urbanização do Gerês, que estes arquitetos iniciaram em 1944 e continuaram a desenvolver até 1951. Silenciou-se quando deixou de ser instrumento de trabalho e objeto de comunicação, tendo ficado suspensa num tempo ao qual a exposição **Contrafactum** a vem agora resgatar.

Com esta abordagem de carácter expositivo assume-se uma nova lógica de observação do objeto/documento, assente na procura de indícios sobre os discursos que este pode convocar e num olhar retrospectivo de onde emerge a importância da matéria que lhe dá corpo: o gesso. Praticar-se um exercício de “contrafactum” onde se perseguem processos e novos contextos de aplicação: como se faz, como se ensina a fazer, como se podem atribuir novos significados e definir novas áreas de aplicação. Entre matéria, forma e conteúdo (técnico e simbólico), a maqueta vai adquirindo

um outro protagonismo e passa a ser trabalhada como ponto de partida para duas linhas de ações: o restauro e a cópia. A proposta de *Contrafactum* é esta, colocar estas duas metodologias de leitura do objeto em diálogo para sustentar a construção de uma encenação que lhe projeta novos sentidos. Na maquete “Aquila” temos imagem e representação, a modelação de uma paisagem convertida em objeto onde se fundem várias aproximações de natureza gráfica (plantas, fotografias, desenhos modelados e materializados por um maquetista). Trata-se de um processo de transferência de conhecimento que, por não ser imediatamente visível a quem a observa, é colocado em contraposição a uma réplica que é mais do que uma simples cópia, é uma reinterpretação das várias etapas que estão na base da criação da maquete que lhe serve de modelo. E assim, em *Contrafactum*, original e reprodução vão encontrar-se lado a lado, enquadrados por dois vídeos que documentam, por sua vez, o processo de restauro e o processo de replicação da maquete. Um nasce da necessidade de preservação de um património que lhe pertence, a Fundação Marques da Silva, o outro, produzido pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), é movido pela vontade de valorizar um saber fazer a partir da matéria. Dois objetos, dois vídeos, quatro presenças que se conjugam para proporcionar uma experiência que vai para além do espaço, do que é factual e aparentemente documental. A conceção deste projeto expositivo coube a Graciela Machado, membro do Conselho Diretivo da Fundação Marques da Silva e Professora da FBAUP. A construção da réplica da maqueta foi realizada por Rui Ferro e Alcides Rodrigues. A empresa 20|21 foi responsável pelo restauro da maqueta original. Luís Sobreiro assegurou a produção do vídeo relativo a esta intervenção e Patrícia Almeida, o vídeo que regista a intervenção feita na FBAUP.

Contrafactum é a resposta da Fundação Marques da Silva a um desafio lançado pelo Centro Português de Fundações. Produzido em parceria com a FBAUP, assinala a participação desta Fundação no Projeto 17 – Geografias, Património Cultural das Fundações Portuguesas. Neste

contexto, acrescenta-se que, Contrafactum, encontra possíveis sinergias com o ODS 4 - Educação de Qualidade e o ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis.

Maquete "Aquila", 1935



FUNDAÇÃO MILLENNIUM BCP

Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros – NARC

O NARC é um “museu de sítio”, onde é possível aceder à diacronia ocupacional de Lisboa dos últimos 25 séculos. Após os trabalhos arqueológicos iniciais, o sítio foi musealizado em 1995 e aberto ao público, com visitas guiadas e gratuitas.

Entre 2019 e 2021 a sua museografia foi profundamente renovada, num projeto do ATELIER BRÜCKNER GMBH. O novo Design do NARC procura oferecer uma experiência imersiva através da cenografia multimédia. A visita é uma experiência multissensorial e imersiva, proporcionando envolvimento prolongado e impressão duradoura e memorável.

Em pleno centro da cidade, o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), oferece uma viagem arqueológica ao passado de Lisboa. Oferece acesso a todas as fases de povoamento de Lisboa - um período de mais de 2.500 anos. Vestígios de edifícios e achados escavados são testemunhos do passado, informando o visitante sobre os períodos ibero-púnico, romano, visigodo, islâmico, medieval e pombalino, sendo uma peça chave do Património Cultural Português. Foi classificado como monumento nacional em 2015.

A visita ao NARC assegura um eficaz retorno social da Arqueologia, contribuindo para a divulgação desta disciplina científica, a construção da História, a salvaguarda patrimonial e o enriquecimento cultural da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento social através da consciencialização

coletiva da importância do Património Cultural. Considerando a Arqueologia como uma importante fonte de informação histórica, enquadra-se as visitas guiadas gratuitas a este espaço no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de Qualidade, com o qual nos comprometemos em cada visita, dando especial atenção a este aspeto, nas visitas escolares.

Para o Millennium bcp e para a Fundação estas visitas inserem-se numa missão de preservação, gestão e divulgação do património cultural português.



©ATELIER-BRUECKNER, Giovanni Emilio Galanello.
NARC – Espaço expositivo

©ATELIER-BRUECKNER, Giovanni Emilio Galanello.
NARC – Espaço expositivo



FUNDAÇÃO ORIENTE

A Fundação Oriente tem por missão estatutária a prossecução de acções de carácter cultural, educativo, artístico, científico, social e filantrópico, a desenvolver designadamente em Portugal e em Macau, e que visem a valorização e a continuidade das relações históricas e culturais entre Portugal e o Oriente.

No cumprimento da sua missão, a Fundação Oriente, mormente através do Museu do Oriente, que tutela, desenvolve um conjunto de actividades que contribuem para a promoção dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável.

Associando-se à iniciativa do Centro Português de Fundações “Projecto 17 – Geografias, Património Cultural das Fundações Portuguesas”, a Fundação Oriente seleccionou algumas peças do seu acervo em exposição no Museu do Oriente, dando destaque à sua relação com os ODS.

Assim, o visitante irá encontrar, ao longo dos percursos expositivos, uma indicação sobre o Projecto 17 e verá assinalado, junto às peças seleccionadas e à respectiva informação descritiva, o ODS a que cada peça alude.



Prato triangular
China, dinastia Qing, período Qianlong (1736-1795), c. 1765
Cobre esmaltado de branco e decoração pintada com esmaltes da “família rosa”



Este prato triangular em cobre esmaltado de branco e decoração pintada com esmaltes da família rosa, também designado no século XVIII como “prato chapéu”, destinava-se a ser colocado nos cantos da mesa.

Apresenta uma decoração profusa com a representação de motivos da fauna (um presunto ou perna de lebre, um par de lebres, peixes e patos), da flora, e vegetalistas (grinaldas de flores, cenouras, pepinos, nabos, uvas, melões), bem como o brasão de armas da família Saldanha.

Este tipo de pratos era uma das tipologias de peças de mesa que integravam os serviços de encomenda à China para o mercado português ao longo do século XVIII, por parte das classes mais abastadas (família real, nobres e clero), serviços estes compostos por centenas de peças maioritariamente em porcelana, mas também em cobre esmaltado.



Pote
Timor-Leste (Manatuto), c. 1980
Barro cozido

Os potes globulares de barro cozido são o modelo mais comum da produção oleira de Timor. A sua simplicidade técnica permite um leque de utilizações diversas, desde panela para cozinhar no fogo ou armazenamento utilitário ou ritual de sementes e de água. A produção oleira em

Timor-leste foi sempre entendida como uma atividade exclusivamente feminina, passada de geração em geração. Eram as mulheres que iam buscar a matéria-prima necessária à produção deste tipo de peças, sendo os potes fabricados pelo método de batente e contra batente (ou seja, sem recurso à roda de oleiro). Terminada a modelação manual, os elementos decorativos (normalmente pictogramas geométricos), eram feitos através de pinturas com pigmentos naturais ou mais raramente, incisões. A cozedura era feita ao ar livre, num local escavado e coberto de ramos e folhas de palmeira secas.

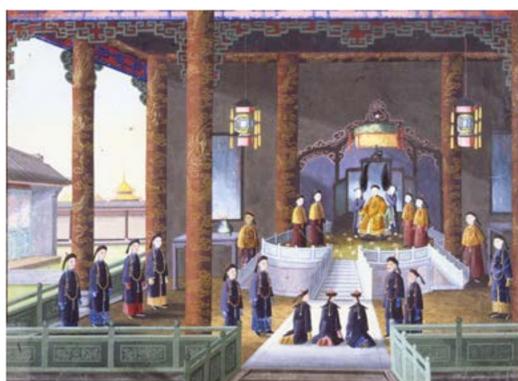


Facas de cordão Umbilical
Timor-Leste (Ainaro), c. 1900
Ouro

Estas facas cerimoniais em ouro e de uso exclusivo da linhagem tinham como função o corte ritual do cordão umbilical, sendo que cada uma delas se adequa a um determinado sexo. A representação da figura humana nas mesmas pode representar os antepassados primordiais, de maneira a reafirmar de um modo simbólico a ligação da criança e da família às suas origens. Na religião tradicional timorense, o nascimento de uma criança era visto como uma homenagem prestada pelos antepassados aos seus parentes vivos. Da mesma maneira que os falecidos ascendem ao reino celestial, entendia-se que os recém-nascidos, fruto do ventre materno, ascendiam à terra. A separação da placenta e o corte do cordão umbilical seria, por isso, um ato simbólico que fisicamente cortava a ligação da criança com o mundo do além, permitindo a sua integração plena no mundo dos vivos.



GARANTIR O ACESSO À SAÚDE DE QUALIDADE E PROMOVER O BEM-ESTAR PARA TODOS, EM TODAS AS IDADES



Pinturas de China Trade, série Palácios – Audiência do Imperador e Audiência da Imperatriz
China, final do século XVIII - 1º quartel do século XIX
Artista chinês desconhecido
Aquarela sobre papel



ALCANÇAR A IGUALDADE DE GÊNERO E EMPODERAR TODAS AS MULHERES E RAPARIGAS

Da série de pinturas China Trade denominada “Palácios” composta por ambientes que retratam diferentes cenas do cotidiano da vida da corte da dinastia Qing (Manchu), e das classes mais ricas e poderosas da China, principalmente de altos dignitários, nomeadamente os mandarins com a receção de convidados e momentos de lazer, destaca-se a representação do que parece ser a Audiência do Imperador e a Audiência da Imperatriz, ou pelo menos as suas representações imaginadas pelo pintor. O soberano enverga uma veste imperial, normalmente de seda ricamente bordada e tendo como motivos decorativos, entre outros, a representação de dragões e nuvens. Na versão feminina predominam os tecidos de seda em tons de cor-de-rosa, verde e azul, ricamente bordados com símbolos auspiciosos, de que é exemplo a veste que a figura da Imperatriz enverga, decorada com motivos de nuvens. Estes trabalhos anónimos a aguarela, feitos na maior parte das vezes por artistas cantonenses, eram produzidos em quantidades comerciais e muitos deles denotam perícia e requinte na sua feitura, nos quais se pode, por vezes, adivinhar um primeiro esboço feito a lápis ou com um pincel.



Armadura Ryo takahimo renjaku do Japão, período Edo, século XVII
Ferro, laca, ouro, papel lacado, limho, algodão, seda, tela, serapilheira, couro pintado, camurça estampada, corno (botões) e madeira (caixa)

Como complemento desta armadura japonesa, destaca-se um leque de guerra (*gunsen*) em papel e laca, utilizado no comando das tropas, prática que se tornou recorrente à medida que os generais tinham um papel cada vez menos activo no campo de batalha, ficando posicionados num local estratégico para comandarem os movimentos dos soldados através do leque. Este, em particular, quando aberto, ostenta o disco solar (*hi no maru*) a vermelho, símbolo actual do Japão – Nihon – que literalmente significa o “País do Sol Nascente”. Desde o século XVIII associado maioritariamente ao universo feminino, por toda a linguagem oculta de que este objecto se revestia, o leque foi desde tempos recuados utilizado também pela figura masculina, nomeadamente em associação com as batalhas dos Samurais japoneses.



Bidé
China, dinastia Qing, período Kangxi (1662-1722), c. 1690-1710
Porcelana branca decorada a azul sob o vidrado

Este bidé em forma de rim, executado em porcelana chinesa branca decorada a azul-cobalto sob o vidrado com cenas de paisagem com rochedos, árvores, cabanas, pavilhões, pagodes e uma ponte, testemunha a alteração dos hábitos de higiene introduzidos em sociedade, por influência europeia, mais precisamente, francesa, nos finais do século XVII/inícios do século XVIII. Concebido inicialmente como um objecto portátil a ser usado pelas classes mais abastadas, era utilizado para lavagem das partes inferiores do tronco





Descaroçador de Algodão (Ai dedum)
Timor-Leste, c. 1920
Pau-rosa



GARANTIR PADRÕES DE CONSUMO
E DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEIS

Este instrumento artesanal timorense era utilizado para a descaroçagem do algodão, a fase inicial do processo tradicional de fição e pela sua rica decoração acredita-se estar relacionado com a produção de fio para panos cerimoniais que envolvessem a linhagem familiar proprietária do objecto em cerimónias de nascimento, casamento ou morte. Dada a sua função, este objecto era entendido como um bem de linhagem, passando a sua posse de geração em geração, o que permite uma interpretação da sua decoração: as figuras humanas como antepassado da linhagem e as aves como galos que cantam no topo das habitações (acto ritual associado à criação de uma nova casa e de uma nova geração em que se pede ao galo que anuncie aos antepassados a criação de uma nova família).

Bibliografia utilizada: CURVELO, Alexandra (coord. Científica), Encomendas Namban – Os Portugueses no Japão da Idade Moderna. Lisboa: Fundação Oriente, 2010.
SOUSA, Conceição Borges de [et al], Presença portuguesa na Ásia – Testemunhos, Memórias e Coleccionismo. Lisboa: Fundação Oriente, 2008.
-Créditos fotográficos: Hugo Maertens/BNP Paribas – Fundação Oriente/Museu do Oriente, Lisboa; Henrique Ruas; Victor Branco.

FUNDAÇÃO PLMJ

Para o Projeto 17, a Fundação PLMJ selecionou três esculturas, da autoria de Fernão Cruz e da dupla João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira. A escolha destas obras teve em conta, sem pretender ser ilustrativa, três ODS – 7: Energias Renováveis e Acessíveis; 8: Trabalho Digno e Crescimento Económico; e 12: Produção e Consumo Sustentáveis – reservando, contudo, a perspetiva dos artistas, que nos dois casos se apropriaram de referências estreitamente ligadas ao nosso quotidiano, como o cabo elétrico com a tomada de corrente, ou os pratos decorativos com diversos tipos e padrões de raiz popular. A escultura de Fernão Cruz, Untitled (20 m) (da série Long Story Short), de 2018, remete para uma lógica de ligação visceral, como um cordão umbilical, do qual sobressai uma tomada de corrente. É uma obra com um carácter autorreferencial, mas que não se afasta de uma lógica de uma energia ligada ao sentido de vida e, deste modo, uma metáfora da sustentabilidade que a protege.

As duas esculturas de parede da autoria da dupla de artistas João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira, de 2014, Talavera (quiero que me espante asta perde la razon) e Talavera (tengo miedo de quererte), representam dois pratos decorativos cujos títulos nos remetem para um imaginário do desejo através dos seus títulos, como quadras populares, inscritas sob uma lógica de inspiração decorativa, da azulejaria à cerâmica, e à recolha de um imaginário que resgata a história, a tradição e a manufatura. São duas obras que nos abrem diversas interpretações, como, por exemplo, num dos pontos do ODS 8: “elaborar e implementar políticas para promover o

turismo sustentável, que cria emprego e promove a cultura e os produtos locais”.

As três obras, devidamente identificadas com o Projecto 17, serão expostas na recepção da Fundação PLMJ numa estreita relação com as obras já existentes da autoria de Adriana Molder, Cristina Ataíde, Ana Vidigal e Miguel Ângelo Rocha, proporcionando, deste modo, um enquadramento da Colecção da Fundação PLMJ.



Fernão Cruz
Untitled (20m) (da série Long Story Short), 2018

João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira
Talavera (quiero que me espante asta perde la razon), 2014





João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira
Talavera (tengo miedo de quererte), 2014

FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES

Vencer a Distância

Como as comunicações moldaram o desenvolvimento de Portugal

O desenvolvimento sustentável em Portugal resulta de uma visão global e um processo histórico que mobilizou diferentes gerações em prol dos mesmos objetivos: encurtar a distância entre comunidades, promover a coesão de territórios, desenvolver atividades económicas, modernizar o país e conquistar o progresso.

Neste percurso histórico, o setor das comunicações teve e tem um papel central pelo seu pioneirismo, inovação, experimentação, desenvolvimento e investimento em diversas entidades e indústrias.

Na mostra - Projeto 17 - a Fundação Portuguesa das Comunicações disponibiliza uma visita orientada à exposição "Vencer a Distância - Cinco Séculos de Comunicações em Portugal" que apresenta os principais contributos dos correios e das telecomunicações para o desenvolvimento sustentável. O visitante terá a oportunidade de fazer uma viagem por mais de 500 anos de história, organizada em quatro grandes temáticas:

1. Desenvolvimento económico social
2. Planeta
3. Inovação
4. Gestão e governança

No tema do **desenvolvimento económico social** é apresentado o impacto da melhoria dos meios de comunicação na erradicação da pobreza, redução das desigualdades, promoção de trabalho digno e o investimento na constituição de comunidades integradas e sustentáveis. O impacto do setor das comunicações na gestão da energia, água, consumo sustentável é explicado no tema **planeta**.

Na **inovação** analisamos o contributo do mundo da ciência, quer seja por meio dos seus engenheiros e inventores ou pela localização geoestratégica de Portugal que permitiu fazer do território uma plataforma de comunicações global, com sinergias internacionais.

Na **gestão e governança** demonstramos como desde cedo o esforço concertado dos países industrializados permitiu obter ganhos rápidos nos processos comunicacionais entre nações e na regulação.

Esta visita orientada apresenta o desenvolvimento do país sob a perspetiva do setor das comunicações pelo que incentivamos os visitantes a descobrir novas interpretações e a participar com os seus contributos através do uso de hashtags nas redes sociais sobre cada um dos temas. Desta forma, juntos, iremos criar uma visão mais completa e inclusiva do desenvolvimento sustentável em Portugal.



Vencer a Distância – Cinco Séculos de Comunicações em Portugal



FICHA EDITORIAL

Patrícia Dias Mendes

Concepção Editorial

zevitro

Concepção Gráfica

Patrícia Dias Mendes e Pedro Castello Branco

Coordenação

Patrícia Dias Mendes

Revisão de textos

CPF – Centro Português de Fundações

Edição

P			
R			
O	J	E	
		T	O
		1	7

PATRIMÓNIO CULTURAL DAS **FUNDAÇÕES PORTUGUESAS**

FUNDAÇÕES CENTRO PORTUGUÊS DE FUNDAÇÕES